

# Avaliação em língua estrangeira: pesquisas e avanços

Natália Moreira Tosatti

CONSOLO, Douglas Altamiro; GATTOLIN, Sandra Regina Buttros; SILVA, Vera Lúcia Teixeira da (Orgs.). *Perspectivas em avaliação no ensino e na aprendizagem de línguas: pesquisas e encaminhamentos na formação e na prática docente*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. 264 p.

A ação de avaliar faz parte do cotidiano social. Somos testados regularmente de diferentes formas, em diferentes contextos, por diferentes instâncias e segundo os mais variados critérios. No âmbito escolar, a aferição de saberes, habilidades, competências e proficiência por meio de avaliações está presente desde as séries iniciais e nos acompanha por todo o percurso de formação acadêmica e até mesmo profissional. Contudo, o fato de ser habitual não significa que seja simples ou de domínio de quem avalia ou é avaliado.

Especificamente no contexto de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, o tema avaliação envolve complexidades relacionadas à concepção de língua, abordagens de ensino, construtos teóricos, questões culturais, formação docente, crenças, mudanças, tomadas de decisão, entre tantas outras. E, no que se refere ao ensino de línguas, o resultado de uma avaliação diz muito sobre nosso contexto educacional.

Essa afirmação pode ser constatada pela leitura de *Perspectiva em avaliação no ensino e na aprendizagem de línguas: pesquisas e encaminhamentos na formação e na prática docente*, obra organizada por Douglas Altamiro Consolo, Sandra Regina Buttros Gattolin e Vera Lúcia Teixeira da Silva, doutores em Linguística Aplicada e professores atuantes na pesquisa e em sala de aula em cursos de formação de professores de língua estrangeira. Trata-se de uma coletânea organizada em 10 capítulos, nos quais pesquisadores promovem uma discussão sobre questões relativas ao imbricado processo de ensino-aprendizagem-avaliação, abordando aspectos como: efeitos retroativos, avaliação e formação de professores e práticas avaliativas,

apresentando, por meio das pesquisas realizadas, a urgência em se repensar e aprimorar os cursos de formação de professores de línguas estrangeiras.

Abrindo a coletânea, Elaine Risques Faria e Sandra Regina Buttros Gattolin, em "O componente cultural nas avaliações de língua inglesa do Enem: algumas considerações", enfatizam a importância de a língua e a cultura serem abordadas como aspecto uno e não dicotômico no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, uma vez que ensinar a língua para falar sobre a cultura é diferente de ensinar a língua como cultura (Kramsch, 2009). Defendendo a ideia de que práticas pedagógicas interculturais devem se fazer presentes no contexto de ensino de línguas estrangeiras e cientes do efeito retroativo que um exame de alta relevância como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) pode exercer no direcionamento das abordagens de ensino, as autoras se propuseram a investigar como as questões culturais foram exploradas nas edições do Exame no período de 2010 a 2013. Embora a Competência 2, da Matriz de Referência do Enem, entenda o "conhecimento e uso da língua estrangeira moderna como instrumento de acesso a informações e outras culturas e grupos sociais", os resultados apresentados pelas autoras mostraram que ainda é tímida a presença do componente cultural nas questões analisadas.

No capítulo 2, "Avaliação docente como mecanismo de desenvolvimento profissional", Gladys Quevedo de Camargo parte do princípio de que a avaliação é indissociável do processo de ensino-aprendizagem, sendo um instrumento importante para o desenvolvimento profissional e, por isso, deve fazer parte da formação inicial e continuada do professor de língua. A autora aponta a necessidade de uma política de formação mais condizente com os paradigmas da contemporaneidade e, com base em estudos de Porter, Youngs e Odden (2001), propõe que o professor de língua inglesa seja avaliado nas dimensões linguística, política, social e ideológica.

Desenvolvendo pesquisas sobre ensino e aprendizagem de línguas e interação, Douglas Altamiro Consolo, no capítulo 3, "Assessing EFL teachers' oral proficiency: on the development of teacher education programmes and testing policies in Brazil", com base em revisão bibliográfica e em relatos de formadores de professores sobre a proficiência oral de futuros professores de inglês no Brasil, mostra preocupação com um cenário já antigo que revela deficiência na proficiência "linguístico-comunicativa-pedagógica" desse público. O autor assevera que a transformação dessa realidade exige mudanças nos cursos e nas políticas de avaliação para formação de professores de língua estrangeira.

Os capítulos 4, 5 e 6 apresentam resultados de investigações relacionadas ao Exame de Proficiência para Professores de Língua Estrangeira (Epple) e ao Teste de Proficiência Oral em Língua Inglesa (Tepoli). O primeiro tem como objetivo certificar professor de língua estrangeira nas quatro habilidades. O segundo tem como foco a delimitação do domínio da linguagem oral.

Com o propósito de contribuir para a definição de parâmetros mais precisos na avaliação da proficiência do professor de língua inglesa, Aline Mara Fernandes apresenta, no capítulo 4, "A avaliação da metalinguagem em um teste de proficiência oral: análise da produção oral de duas professoras de língua inglesa", um recorte de sua pesquisa de mestrado sobre o uso da metalinguagem para fins de explicação

gramatical. As participantes foram observadas no Tepoli, como alunas formandas do curso de licenciatura em letras, e em situação de aula, em que elas eram as professoras. No trabalho, a pesquisadora compara e analisa os usos linguísticos das participantes da pesquisa, avaliadas a partir do desempenho delas nos dois contextos estudados, e discute a respeito dos níveis de proficiência atingidos por elas, com base nos descritores de proficiência do exame.

No capítulo 5, “A caracterização de instruções de professores de inglês: contribuições para a elaboração de tarefas para um teste oral”, Paulo José Andreilino tem como foco a fala de professores de inglês em atuação, durante o momento em que eles dão instruções orais em sala de aula. As informações coletadas nesses contextos foram caracterizadas como “atividade de dar instruções”, com o objetivo de subsidiar a elaboração e a avaliação de tarefas para o teste oral do Epple.

“O efeito retroativo de um teste de proficiência na formação do professor de língua estrangeira” é o título do capítulo 6, no qual Elen Dias apresenta resultados de uma pesquisa longitudinal, realizada no período de 2004 a 2007, com estudantes do curso de letras de uma faculdade do Estado de São Paulo, que, por meio do Tepoli, constatou a baixa proficiência oral desses estudantes, futuros professores de língua inglesa. A pesquisadora ressalta a necessidade de elevar os níveis de proficiência do professor de inglês em relação à habilidade oral, e descreve ações, relativas ao aprimoramento dessa habilidade dos estudantes, que foram implementadas com base no resultado do teste e em alterações no plano do curso de licenciatura em letras, confirmando efeitos retroativos benéficos do exame.

No capítulo 7, mais uma vez a formação de professores de inglês no Brasil é problematizada. Como forma de trazer mudanças e de gerar impactos para a melhoria na formação desses profissionais, Teresa Helena Buscato Martins propõe a implementação de um exame de proficiência em seu texto “Subsídios para a elaboração de um exame de proficiência para professores de inglês: foco na consciência de linguagem e aspectos centrais da fala do professor em aulas de língua estrangeira”. A autora enfatiza a competência comunicativa como “vital para o desempenho efetivo do professor de línguas em sala de aula” (p. 168). Ancorada em Elder (1994), defende que a proficiência linguística desse profissional deve abranger contextos diversos de uso da língua, além das competências pedagógicas para o ensino, e critica os cursos de letras que estão formando profissionais pouco preparados para o ensino da língua inglesa.

No capítulo 8, o exame Tepoli reaparece como fonte para pesquisa. Em “Uma análise de entrevistas em língua inglesa de formandos em licenciatura em Letras com base na linguística de *corpus*”, Paula Tavares Pinto e Douglas Altamiro Consolo, também com foco na competência oral, utilizaram entrevistas com estudantes – formandos do curso de letras de uma universidade estadual no interior paulista – que se submeteram ao Tepoli, para verificar a variação lexical demonstrada por eles. A linguística de *corpus* serviu de base para a análise dos dados. Os resultados revelaram que os participantes que utilizaram vocabulário mais diversificado receberam notas mais elevadas no teste, embora não seja essa maior variação vocabular a responsável pelo desempenho mais alto.

No capítulo 9, “Desafios para se aplicar um exame de proficiência em meio eletrônico”, Teresa Helena Buscato Martins, Vera Lúcia Teixeira da Silva e William Eduardo da Silva abordam a aplicação do Epple em meio eletrônico, relatando as complexidades para a sua execução. Embora a aplicação por esse meio traga agilidade na organização de informações, as dificuldades – como logística, espaço adequado e equipamentos mais eficientes – salientam a necessidade de investimentos e comprometimento institucional para uma melhor adequação do teste, assim como um melhor letramento digital dos participantes, uma vez que a falta de habilidade no uso da tecnologia por parte deles também foi um dos desafios relatados.

A obra traz como último capítulo “Exames de entrada para alunos ingressantes no ensino superior tecnológico: uma experiência na preparação de um piloto”, de Magali Barçante, Fábio Madeira, Teresa Helena Buscato Martins, Simone Telles Martins Ramos, Marlucy Maria da Silveira Ribeiro e Carlos Eduardo Schuster. Os autores apresentam um trabalho que está sendo desenvolvido pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CPS), de elaboração de um exame de proficiência em língua inglesa para alunos ingressantes nas Faculdades de Tecnologia (Fatecs). No capítulo são apresentados resultados e ajustes a serem feitos com base em três aplicações-piloto.

*Perspectivas em avaliação no ensino e na aprendizagem de línguas: pesquisas e encaminhamentos na formação e na prática docente* evidencia que, embora haja avanços em relação à tríade ensino-aprendizagem-avaliação, muito ainda há de ser pesquisado e implementado, principalmente no campo da formação de professores de língua estrangeira.

A necessidade de investir na formação dos futuros professores de língua estrangeira no Brasil é ressaltada e os autores mostram que é premente a reformulação das metodologias de ensino de línguas estrangeiras nos cursos de formação de professores. Os resultados das pesquisas que envolvem o Epple e o Tepoli indicam a relevância dos testes que avaliam as habilidades de compreensão e de produção em língua estrangeira, nas modalidades escrita e oral, acreditando que essas avaliações poderiam contribuir para a (re)definição dos objetivos do ensino de línguas estrangeiras.

Nessa perspectiva de avanço, também se faz urgente a prática de uma abordagem intercultural de ensino de língua, conforme defendem as autoras do capítulo 1. Sendo a avaliação um instrumento provocador de mudança no contexto educacional, espera-se que os efeitos retroativos dos exames de proficiência promovam novas formas de ensinar e motivem políticas linguísticas que contribuam para a formação de profissionais mais competentes e de estudantes que desenvolvam a habilidade de “reconhecer a importância da produção cultural em LEM<sup>1</sup> como representação da diversidade cultural e linguística”, conforme apontado na Matriz de Referência do Enem.

---

<sup>1</sup> Língua estrangeira moderna.

*Perspectivas em avaliação no ensino e na aprendizagem de línguas: pesquisas e encaminhamentos na formação e na prática docente* traz grande contribuição para a linguística aplicada e nos provoca, por meio da pesquisa, a debater e a propor estratégias para a área da avaliação de línguas estrangeiras.

### **Referências bibliográficas**

---

ELDER, C. Performance testing as benchmark for foreign language teacher education. *Babel Journal of the Australian Federation of Modern Language Teachers Associations*, v. 29, n. 2, p. 9-19, 1994.

KRAMSCH, C. Cultural perspectives on language learning and teaching. In: KNAPP, K.; SEIDLHOFER, B. (Ed.). *Handbook of foreign language communication and learning*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009. p. 219-245.

PORTER, A. C.; YOUNGS, P.; ODDEN, A. Advances in teacher assessments and their uses. In: RICHARDSON, V. (Ed.). *Handbook of research on teaching*. 4. ed. Washington, DC: American Educational Research Association, 2001. p. 259-297.

---

Natália Moreira Tosatti, mestre e doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é professora do Departamento de Linguagem e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-MG).  
nataliatosatti@yahoo.com.br

Recebido em 1 de fevereiro de 2019

Aprovado em 20 de março de 2019